

À luz dos Candeeiros

CRÔNICA DE
LUIZ ISMAELINO VALENTE



Em homenagem aos “jovens” chimangos – “menores” de quarenta anos que recentemente sofreram os dissabores da falta de energia elétrica em Alenquer, mas, em compensação, não vivenciaram as “delícias” do *acionamento* de luz na cidade nas décadas de 1950/1960 –, antecipo e dedico, abaixo, o “prólogo” do meu livrinho de contos **À luz dos Candeeiros**.

PRÓLOGO

Nas décadas de 1950/1960, o sistema de luz elétrica de Alenquer era muito precário. A Usina Velha, construída no canto da Praça *Desembargador Eloy Simões* e inaugurada na gestão do prefeito Arnaldo Pereira de Moraes, era gerida, inicialmente, pela *Parah Electric Railways and Lighting Company Ltda.*, e, de 1962 em diante, pela *Companhia de Força e Luz do Pará – a Forluz* –, mas não dava conta de iluminar toda a cidade.



Quando o velho gerador (foto à esquerda) movido a óleo diesel (que, no *dialeto* chimango, a gente dizia “combustol”) não entrava numa das suas frequentes e irritadiças “panes” (que o pessoal jocoso chamava mesmo de “prego”), ainda era possível estabelecer um certo *acionamento* de energia, alternando-se a iluminação pública e doméstica do bairro da Luanda, num dia, com a do bairro do Aningal, no outro dia.

Sortudos eram os moradores do *centro* da idade, que se beneficiavam tanto da luz de um bairro como da luz do outro. O casarão dos meus pais, na Praça da Bandeira, não tinha a mesma sorte. Situado na esquina da travessa Dr. Lauro Sodré com a rua 1º de Maio (antes chamada Siqueira Campos e, depois, como até hoje, Coaracy Nunes), fazia parte do bairro do Aningal. Assim, a luz elétrica na nossa casa era “dia sim” e “dia não”, como em todos os lares da Luanda e do Aningal.

Tenho bem viva na memória a lembrança dos “dias sem luz” na casa dos meus pais, onde, toda noite – com luz ou sem luz –, reunia-se habitualmente, depois do jantar, um grande número de parentes e amigos da família ou correligionários políticos de papai, para uma “conversa mole até o fim dos séculos”...

Nas noites de *acionamento* de energia elétrica, quando o bairro do Aningal ficava às escuras, junto com os vários bules de café com cheiro de canela – que mantinham acesas as conversas noite adentro –, dona Isolina, minha mãe, providenciava sempre um bom número de *candeeiros* para iluminar as varandas da casa.



Os *candeeiros* eram abastecidos com querosene e tinham os mais variados formatos, como os *faróis náuticos* (foto acima) do *Redentor*, o barco-motor do meu pai, também utilizados na nossa casa.



Mas havia também *candeeiros* muito mais sofisticados, com os pés de vidro resistente e trabalhado em alto-relevo, com suas “mangas” de vidro translúcido (foto à esquerda). Um singular e singelo mecanismo permitia instalar nesses *candeeiros* um “morrão” de fibra de algodão que, embebido no seu pequeno “tanque” de querosene, mantinha acesa a chama que iluminava o ambiente.

Tempos depois, chegava a Alenquer uma luminária ainda mais moderna e sofisticada – o chamado *Petromax* –, aliás já conhecido desde o século XIX na Europa, onde era abastecido com o petróleo e largamente utilizado na iluminação pública e doméstica, bem como na pesca de candeião. Nos Açores, costumava ser utilizado pelas traineiras na pesca do atum.

O *Petromax* (foto à direita) era um equipamento muito engenhoso, com um depósito de combustível na sua base, no qual se introduzia uma “bomba de pressão” e do qual saía um tubo tendo na extremidade um “vaporizador”, fixando-se a este uma “camisa” fabricada com seda, em forma de lâmpada, voltada para baixo, protegida por um cilindro (“manga”) de vidro.



No cimo do equipamento havia uma “chaminé”, por onde escapavam os gases. Ao se acender a lâmpada e “bombear” para “pegar pressão”, o *Petromax* oferecia uma bela luz incandescente. O grande inconveniente do *Petromax* era a necessidade do usuário ter que “bombear” com frequência, a fim de manter a “pressão” da chama, e, por consequência, a claridade uniforme. Em nossa casa, conhecemos o *Petromax* já numa versão mais recente, que utilizava, como combustível, o querosene, bem mais barato e acessível do que o petróleo. A claridade do *Petromax* equivalia mais ou menos ao de uma lâmpada incandescente de 200 velas.



Tempos depois, o *Petromax* deu lugar aos *Aladdins* (foto à esquerda), que funcionavam de modo semelhante àquele, e valiam-se também do querosene como combustível. O *Aladdin*, contudo, era bem mais elegante do que o *Petromax* e não requeria o “bombeamento” constante para “manter a pressão” e a estabilidade da iluminação.

As “camisas” tanto do *Petromax* como do *Aladdin* eram muito delicadas, a ponto de, uma vez queimadas, não poderem mais ser tocadas, sob pena de desintegração, e, quando isso por acaso ocorria, era uma lástima, pois tais “camisas” eram caras.

Na ausência da luz elétrica, o *Petromax* e o *Aladdin* eram um verdadeiro luxo. Só as famílias de posses podiam tê-los, pois se tratava de produtos caros e a manutenção deles também exigia um bom dispêndio. A claridade da luz do *Aladdin* (foto à direita) equivalia à do *Petromax* e naturalmente era muito melhor do que a dos *candeeiros* comuns.



Essas luminárias representavam uma absoluta “novidade” em Alenquer nos anos cinquenta e sessenta do século XX e papai costumava comprá-las dos “regatões” ou dos “caixeiros-viajantes” que forneciam os produtos para a sua casa comercial, a *Casa São José* de J. R. Valente.

Quando ocorreu o primeiro blecaute da UHE de Tucuruí, pouco depois do meio dia de 8 de março de 1991, oportunidade em que metade do Estado do Pará ficou mais de doze horas sem luz, eu era síndico do condomínio do Edifício *Maison Blanche*, no bairro do Reduto, em Belém, e, precavidamente, dirigi-me, no final da tarde, a uma das mais famosas lojas de apetrechos doméstico da cidade para comprar *Petromax* ou *Alladin*, pois nosso prédio, como a maioria dos edifícios condominiais na época, não possuía gerador próprio.

Nunca me esqueci da cara de espanto do balconista da *Oplima*, um jovem de uns vinte e poucos anos, quando lhe perguntei:

– Tem *Petromax* ou *Alladin*?

Depois de muito tempo tentando explicar ao jovem vendedor do que se tratava – por meio de gestos frenéticos e até de um desenho rascunhado em papel de embrulho no balcão da loja –, ele abriu um sorriso de “popa à proa” e assim me falou:

– Ah, já sei, o que o senhor quer é uma *lanterna de camping*, não é?

E logo me apresentou um aparelho com o mesmo *design* do *Petromax*, sem a base que servia de tanque de querosene, acoplado a um pequeno bujão de gás butano, mas



com a mesma “camisa” de seda incandescente, só que “virada” para cima (foto à esquerda). Em vez de “bombeamento” constante, a tal *lanterna de campig* exigia apenas a regulagem do registro do gás, como um fogão comum.

Pelo sim e pelo não, achei por bem comprar meia dúzia de *lanternas de campig* para iluminar a portaria e a escadaria do prédio, de três em três andares, a fim de permitir o acesso dos condôminos aos dezesseis pavimentos do mesmo. Um gasto praticamente inútil – teve gente que não teve fôlego para subir as escadas e, felizmente, na madrugada do dia 9 de março, a energia da UHE de Tucuruí foi logo restabelecida.

Mas, voltemos àqueles “bons tempos” do século XX em Alenquer. Nas outras dependências da nossa casa – por exemplo, nos corredores, banheiros, cozinha e despensa –, usávamos instrumentos muito mais simples e baratos, como as versáteis *lamparinas* de lata, fabricadas pelo competente mestre funileiro Mundico Rocha, ou, como último recurso, as sempre úteis, porém mais caras, velas de *estearina* (fotos abaixo).



Só muito mais tarde, já quase no final da década de 1960, é que passamos a dispor, em casa, de um conjunto *gerador elétrico* próprio, operado pelos “maquinistas” do *Redentor* (Zé Gama, Ambrocélio, Cornélio e Luiz Manteiga) ou pela molecada da casa (Catecó, Danilo, Evilásio, Heleno, João Caranguejo, Mané Tufa, Rato, Ronan, Rubem, Zé Amaury e até o Janary e eu de vez em quando).

O *gerador elétrico* era muito bom, muito bacana, de fabricação alemã, mas, amiudemente, entrava inexoravelmente em “pane”, deixando os “técnicos” e “eletricistas” da casa de queixo caído – com aquela cara de “sinhá mariquinha cadê o frade?” –, e, a dona Isolina, coitada!, totalmente desesperada.

Quando isso acontecia, somente o sempre solícito “compadre” Raimundo Bentes, naturalmente “inspirado” sob os eflúvios de uma boa *pinga*, era capaz de colocá-lo de novo em funcionamento, ante o olhar preocupado – e, invariavelmente, descrente – da distinta platéia formada por aquele bando de “maquinistas” e “eletricistas” de araque.

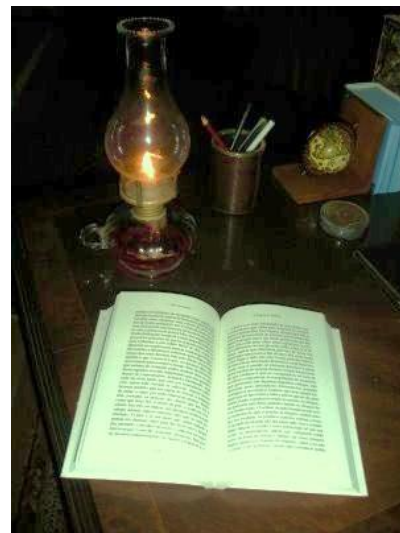
Depois de algum tempo – que nos parecia uma eternidade! –, quando Raimundo Bentes – durante o serviço, ele *entornava* mais *pinga* goela abaixo do que *combustol* no motor – terminava de remontar, direitinho, aquele amontoado de juntas, parafusos, porcas, relés e válvulas (foto à direita), sem deixar nada de sobra, a mesma e distinta platéia irrompia em sonoros e prolongados aplausos ao nosso herói que, após pronunciar o esperado “*fiat lux*” (“haja luz”), era logo “recompensado” com novas e generosas doses de cachaça...



Devo confessar que, nos meus dez/doze anos, eu me dava muito por satisfeito quando o bairro do Aningal ficava sem luz elétrica. Nessas noites de escuridão, o casarão da família Valente na Praça da Bandeira enchia-se de mais gente. As enormes varandas regurgitavam de convivas e meu pai, na sua indefectível cadeira de balanço, comandava a tertúlia, até altas horas, contando “causos” e mais “causos”, acolitado por minha mãe, que nunca deixava faltar o café com canela nem os biscoitos caseiros. Fatos políticos, passagens históricas da cidade, dramas e comédias dos conhecidos, as fofocas do cotidiano – tudo isso logo dava lugar, conforme a noite avançava, para os “contos sobrenaturais” – ou, melhor dizendo, para as “histórias de visagem” –, que papai narrava com muita competência e *mise-en-scène*. Muita gente ficava com os pelos dos braços “arrupitados” e a cabeleira “em pé”...



Era também à luz dos velhos *faróis de bordo* (foto à esquerda) ou dos belos *candeeiros* (fotos à direita) que eu fazia os meus “deveres de casa” do Grupo Escolar *Fulgêncio Simões* e das escolas particulares das queridas professoras Amélia Abenathar, Carícia Vallinoto e mana Maria Ivanilde, ou aproveitava para ler, nos longos *serões* noturnos, os livros e revistas que papai



guardava em nossa casa. Creio que todos os meus irmãos também faziam o mesmo, com maior ou menor freqüência. E hoje, depois de tantas décadas vividas, é ainda na luz bruxuleante dos velhos *candeeiros* que eu vislumbro, com a maior clareza, as *raízes* ou as *matrizes* das historietas que ora reúno neste pequeno e desprezioso livrinho.



NOTA: As fotos acima, meramente ilustrativas, foram todas “pescadas” na internet, exceto a do gerador da Usina Velha, gentilmente cedida por Roberto da Cruz Mesquita.